

EMPREENDEDORISMO AMBIENTAL, TURISMO REGENERATIVO E AGENDA 2030: UM ECOSISTEMA VIVO NO PARQUE NACIONAL DO VALE DO CATIMBAU-PE

1 INTRODUÇÃO

Diante de desafios como mudanças climáticas, perda da biodiversidade e degradação dos ecossistemas, o turismo sustentável tem ganhado destaque por seu potencial de promover o fortalecimento social e econômico, além de minimizar impactos negativos na natureza (Olivindo et al., 2025). Nesse cenário, o turismo regenerativo surge como uma evolução, ao propor não apenas a mitigação de danos, mas a regeneração ativa dos territórios e das comunidades envolvidas (King e Burns, 2024).

Alinhado a essa perspectiva, o empreendedorismo ambiental se consolida como estratégia integrada aos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da Agenda 2030, ao fomentar não apenas experiências turísticas mais conscientes e sustentáveis, mas sobretudo participativas (Francisco Bruno et al., 2023; Goodwin, 2023). Esse alinhamento além de reduzir impactos, estimula a conscientização ecológica e o engajamento de visitantes, turistas, pesquisadores e comunidades locais, em práticas além de sustentáveis: éticas e regenerativas (Fonseca et al., 2023).

O turismo regenerativo, enquanto abordagem ética e transformadora, valoriza a interdependência entre ser humano e natureza, promovendo resiliência ecológica, justiça social e desenvolvimento comunitário (Lima, 2023; Rocha et al., 2024). No Parque Nacional do Vale do Catimbau, localizado no agreste pernambucano, essa perspectiva se concretiza por meio da articulação entre turismo, empreendedorismo ambiental, educação e sustentabilidade.

A atuação integrada de guias, empreendedores, profissionais do turismo e comunidades tradicionais tem impulsionado ações como educação ambiental, reflorestamento e valorização do patrimônio natural e cultural (Goodwin, 2023). Iniciativas sustentáveis lideradas por empreendedores comprometidos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente os ODS 8, 12 e 15, fortalecem a conservação ambiental e o crescimento regional inclusivo (Moyo e Cele, 2021).

Diante da urgência por modelos de desenvolvimento que integrem preservação ambiental, inclusão social e viabilidade econômica, torna-se essencial compreender como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) têm sido incorporados em territórios naturais sensíveis. No Parque Nacional do Vale do Catimbau, patrimônio natural do agreste pernambucano, observa-se a atuação de diversos atores, gestores públicos, guias, empreendedores e comunidades locais, em práticas inovadoras de educação ecológica, conservação e valorização cultural.

No entanto, é necessário investigar como essas iniciativas, alinhadas aos ODS, se concretizam em ações efetivas de regeneração ambiental e fortalecimento do empreendedorismo sustentável. Assim, esta pesquisa busca responder: como os gestores do Catimbau, em articulação com os atores locais, têm integrado os ODS em práticas empreendedoras ambientais e como tais ações têm contribuído para a regeneração do território?

A relevância deste estudo qualitativo reside em sua capacidade de evidenciar, a partir de experiências locais, como práticas empreendedoras sustentáveis podem impulsionar a regeneração ambiental em territórios turísticos. Seus resultados oferecem suporte à formulação de políticas públicas, ao estímulo de condutas mais conscientes por parte dos visitantes e à promoção de ações conjuntas entre stakeholders, favorecendo a consolidação de territórios resilientes e comprometidos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O empreendedorismo ambiental vem ganhando relevância crescente no cenário contemporâneo à medida que os desafios relacionados à crise climática, à perda da biodiversidade e à degradação dos ecossistemas exigem respostas inovadoras e comprometidas com a sustentabilidade. Os estudos de Schaltegger e Wagner (2022) indicam que esse tipo de empreendedorismo tem como princípio central a redução de impactos ambientais e a mitigação de danos, intercambiando práticas empresariais que conciliem desempenho econômico e responsabilidade socioambiental.

Nesse contexto, o empreendedorismo ambiental busca tornar os negócios sustentáveis por meio da adoção de estratégias como a educação ambiental, o ecodesign, a gestão eficiente de resíduos, a preservação da biofilia, o uso de energia limpa e a redução de insumos poluentes. Além disso, esse modelo de empreendedorismo, no caso estudado, está fortemente alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente aos objetivos 8 (Trabalho decente e crescimento econômico), 12 (Consumo e produção responsáveis), 13 (Ação contra a mudança global do clima) e 15 (Vida terrestre) (Guimarães et al., 2023).

No contexto do Catimbau, a articulação entre empreendedores locais e gestores ambientais é essencial para consolidar o turismo como vetor de desenvolvimento sustentável. Assim, o empreendedorismo ambiental torna-se uma via promissora para integrar desenvolvimento econômico com conservação ambiental, especialmente em territórios turísticos sensíveis e protegidos (Di Napoli et al., 2023). O turismo regenerativo representa uma evolução do turismo sustentável ao propor, além da minimização dos impactos negativos, a restauração ativa dos ecossistemas e o fortalecimento das comunidades locais.

Diferente do modelo sustentável, que busca equilibrar os aspectos econômicos, sociais e ambientais (OMT, 2023), o turismo regenerativo visa curar e revitalizar os territórios visitados, adotando uma abordagem baseada no “design regenerativo”, que compreende os ecossistemas como sistemas vivos e integrados (Mang e Reed, 2020). Essa perspectiva prioriza relações de reciprocidade com a terra, a participação das comunidades anfitriãs, educação transformadora e a regeneração ambiental e cultural como resultado direto da experiência turística (Willian et al., 2021)

Ao invés de apenas mitigar danos, o turismo regenerativo propõe ações restaurativas que geram impactos positivos líquidos, como reflorestamento, revitalização de saberes ancestrais e adoção de modelos econômicos circulares (Goodwin, 2023). No Brasil, essa abordagem vem sendo fortalecida em territórios tradicionais, unidades de conservação e contextos de turismo de base comunitária, que passaram a incorporar práticas regenerativas em suas dinâmicas (Guimarães et al., 2023).

Nesse processo, o turista deixa de ser apenas consumidor e passa a ser visto como guardião do território, contribuindo ativamente para a saúde ecológica e o bem-estar coletivo. Nesse cenário, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 se consolidam como referências para orientar práticas de turismo regenerativo, especialmente em áreas naturais protegidas.

Iniciativas como as desenvolvidas no Parque Nacional do Vale do Catimbau, em Pernambuco, revelam o potencial de integração entre conservação ambiental, geração de renda e educação ecológica (Lima, 2023; Rudzewicz e Silveira, 2025). Com isso, torna-se essencial compreender como os princípios dos ODS têm sido incorporados às práticas turísticas e empreendedoras nesses territórios, promovendo desenvolvimento local sustentável e regeneração ativa.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e de campo, delineada como estudo de caso (Godoy, 1995; Creswell e Creswell, 2021), cujo lócus é o Parque Nacional do Vale do Catimbau, em Pernambuco. A escolha desse local se justifica por seu valor ambiental e sociocultural, além das lacunas identificadas quanto ao empreendedorismo ambiental e ao turismo regenerativo sob a ótica da Agenda 2030.

A abordagem qualitativa permite compreender significados subjetivos, valores e experiências dos participantes em seu contexto real (Flick, 2019). O estudo de caso, conforme Yin (2015), é adequado para investigar fenômenos complexos inseridos em contextos específicos, valorizando interações sociais e organizacionais.

A amostra foi composta por 12 participantes: gestores do parque, empreendedores locais, representantes de comunidades tradicionais (quilombolas e indígenas), morador do parque e guias turísticos. A triangulação de sujeitos visou garantir riqueza interpretativa e validade dos dados (Denzin, 2012). A coleta foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas (Gil, 2019), entre dezembro de 2024 e janeiro de 2025.

Para análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática (Braun e Clarke, 2021), organizada em três categorias prévias: preservação ambiental, engajamento comunitário e promoção de comportamentos sustentáveis, com apoio do software Atlas TI.

A pesquisa seguiu os princípios éticos da Resolução nº 510/2016. Embora não tenha sido submetida ao Comitê de Ética por não envolver riscos diretos aos participantes, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com garantia de anonimato, confidencialidade e liberdade de desistência.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise categorial temática, com as categorias definidas à priori: Preservação ambiental, Engajamento comunitário e Promoção de comportamentos sustentáveis, revelaram um processo de transição ecológica e social em andamento no Parque Nacional do Vale do Catimbau, impulsionado pela articulação entre turismo regenerativo, empreendedorismo ambiental e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A presença ativa de comunidades tradicionais, empreendedores locais e gestores evidencia um avanço na governança compartilhada e no fortalecimento de práticas regenerativas voltadas à restauração ecológica e ao pertencimento territorial, como afirmam Lima (2023) e Rocha et al. (2024). Observa-se também uma ressignificação do papel do turista, agora visto como corresponsável pela vitalidade do território. No entanto, desafios estruturais persistem, como a escassez de apoio técnico, entraves burocráticos e falta de políticas públicas integradas.

Ainda assim, o estudo corrobora a perspectiva de Di Napoli et al. (2023), no que tange ao apontamento de caminhos promissores para consolidar modelos turísticos mais resilientes, inclusivos e comprometidos com a regeneração ativa do patrimônio natural e sociocultural local. As falas dos participantes demonstram um movimento consciente, embora desigual, de incorporação dos ODS, com destaque para os objetivos 8, 12, 13 e 15, em ações práticas como capacitação de guias, reflorestamento, gestão de resíduos, educação ambiental e valorização cultural.

E1: *“Aqui tentamos incansavelmente aplicar os ODS, com orientações ambientalmente responsáveis, com oficinas sobre consumo consciente para os turistas antes das trilhas.”* (Empreendedor turístico local).

E3: *“A comunidade plantou mais de 200 mudas nativas em parceria com o parque, como parte do projeto ‘Trilha Viva’.”* (Liderança indígena).

E10: *“A gente agora tem voz nas decisões sobre o turismo, isso não acontecia antes”.*

E8: “Agora trabalhamos em melhorar nossa terra, mostrando a cultura ao que visitam o parque, junto aos empreendedores e gestão”. (Liderança quilombola).

E2: “Tem turista que volta só pra fazer de novo o roteiro com os contadores de história da comunidade.” (Guia de turismo de parque).

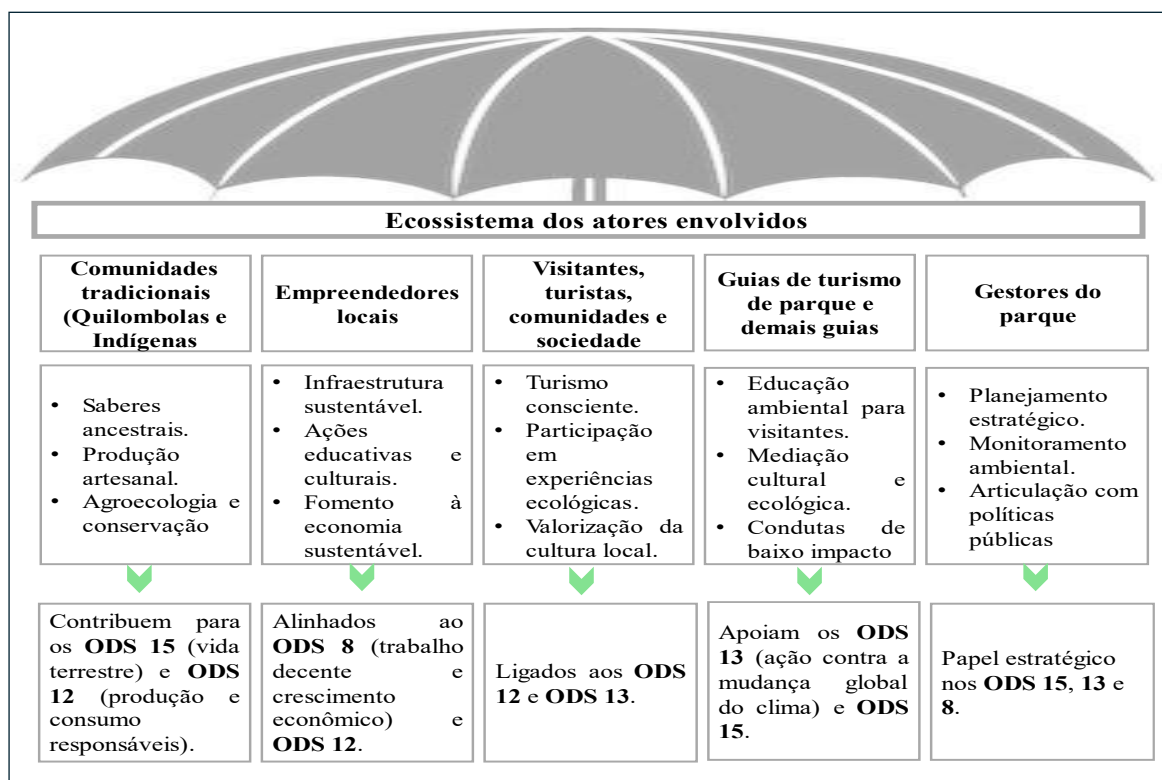
E7: “Os turistas ou grupos de estudantes e pesquisadores estão saindo mais satisfeito, percebemos isso gradativamente” (Empreendedor local).

E12: “A gente quer fazer mais, mas falta apoio técnico e investimento.” (Gestão do parque).

E5: “Hoje eu sinto orgulho de dizer que vivo no catimbau, porque as coisas estão melhorando, as pessoas estão botando a mão na massa e não apenas falando de ser sustentável” (Morador e voluntário).

Mediante as análises, as falas dos entrevistados compõem o ecossistema dos atores envolvidos no turismo regenerativo do parque e das lideranças empreendedoras, evidenciado sob um guarda-chuva simbólico de proteção e articulação. Destacando a atuação integrada de seis grupos principais: comunidades tradicionais (quilombolas e indígenas), empreendedores locais, visitantes, turistas, comunidades e sociedade, guias de turismo de parque e demais guias, e gestores do parque.

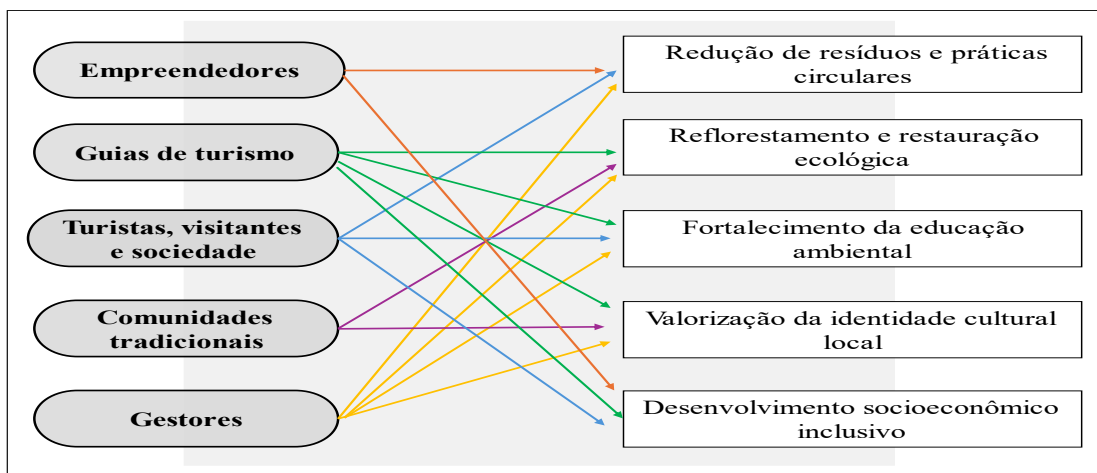
Figura 1 – Ecossistema dos atores envolvidos



Fonte: Autoras da pesquisa (2025) – Com base em Mang e Reed (2020).

Gradativamente, seguindo as premissas de Guimarães et al. (2023), cada grupo contribui com ações específicas, como saberes ancestrais, produção artesanal e conservação ambiental; infraestrutura sustentável; práticas de turismo consciente e valorização cultural; mediação ecológica e educação ambiental; e, por fim, planejamento estratégico e articulação com políticas públicas. A seguir, na figura (2), há um cruzamento dessa rede colaborativa, que atuam fortalecendo premissas da regeneração ambiental e sociocultural do território, promovendo sustentabilidade, inclusão e valorização dos saberes locais:

Figura 2 – Redes colaborativas no vale do catimbau



Fonte: Autoras da pesquisa (2025)

A imagem representa uma rede colaborativa, seguindo as premissas de Goodwin (2023), em que enfatiza a importância do trabalho coletivo e articulação conjunta dos diferentes atores sociais envolvidos. Essa cooperação visa à redução de resíduos e impactos degradadores, focando em reflorestamento e restauração ecológica, fortalecimento da educação ambiental, valorização da identidade cultural local e desenvolvimento socioeconômico inclusivo, evidenciando um sistema integrado de corresponsabilidade pelo desenvolvimento, proteção e regeneração do Catimbau.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação conjunta entre gestores do Parque Nacional do Catimbau, comunidades tradicionais, empreendedores, guias e visitantes tem promovido uma integração significativa dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 8, 12, 13 e 15) às práticas de empreendedorismo ambiental. Essa articulação tem fortalecido a governança compartilhada e impulsionado ações regenerativas, como o reflorestamento, a valorização da cultura local, a educação ambiental e o turismo consciente.

Apesar dos desafios estruturais, como a carência de apoio técnico e a fragmentação de políticas públicas, observa-se um movimento crescente de corresponsabilidade territorial, revitalização de saberes locais e fortalecimento da resiliência comunitária, consolidando o Catimbau como referência em turismo regenerativo no semiárido. No entanto, ainda são escassos estudos que avaliem o impacto de longo prazo dessas ações, sobretudo a partir de indicadores mensuráveis de sustentabilidade e bem-estar, o que revela a necessidade de investigações futuras centradas na percepção de moradores e visitantes.

REFERÊNCIAS

BRAUN, Virgínia; CLARKE, Victoria. Análise temática: Um guia prático. 2021.

DI NAPOLI, V. A. et al. Turismo, biodiversidade e os ODS: desafios para os territórios de conservação. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 55–78, 2023.

FLICK, Uwe. The concepts of qualitative data: Challenges in neoliberal times for qualitative inquiry. *Qualitative Inquiry*, v. 25, n. 8, p. 713-720, 2019. <https://doi.org/10.1177/1077800418809132>

FRANCISCO, Bruno et al. Analysis of the Tourist's Behavior in Lisbon Using Data from a Mobile Operator. In: **International Conference on Intelligent Transport Systems**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2022. p. 3-22. https://doi.org/10.1007/978-3-031-30855-0_1

FONSECA, Renata Amorim Almeida et al. Nos rastros das (novas) territorialidades: o pluriverso como inspiração para as transições desejáveis ao bem viver. **Revista Mosaicos: Estudos em Governança, Sustentabilidade e Inovação**, v. 5, n. 1, p. 55-73, 2023. DOI: [10.37032/remos.v5i1](https://doi.org/10.37032/remos.v5i1)

GOODWIN, Sean et al. Global mapping of urban nature-based solutions for climate change adaptation. **Nature Sustainability**, v. 6, n. 4, p. 458-469, 2023.

LIMA, Heliane Walquiria de. TURISMO REGENERATIVO: UMA ABORDAGEM TRANSFORMADORA PARA ECOSISTEMAS E COMUNIDADES LOCAIS. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 5, n. 12, p. e5126075-e5126075, 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). *Turismo sustentável: princípios e diretrizes globais*. Madrid: OMT, 2023.

RUDZEWICZ, T.; SILVEIRA, J. M. Gestão ambiental e ODS: estratégias de governança para áreas protegidas. *Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável*, v. 10, n. 1, p. 12–30, 2025.

SCHALLEMANN, M. A.; FISCHER, A. C. Empreendedorismo sustentável em destinos de natureza: práticas e desafios. *Revista de Empreendedorismo e Sustentabilidade*, Florianópolis, v. 9, n. 3, p. 140–160, 2021.

KING, Chloe; BURNS, O.'Shannon. Scaling nature-based solutions through regenerative tourism. In: **Handbook on Managing Nature-Based Tourism Destinations Amid Climate Change**. Edward Elgar Publishing, 2024. p. 259-287. <https://doi.org/10.4337/9781035311255.00023>

OLIVINDO, C. M. de S.; FONTENELE, A. R. V. B.; PEREIRA, A. D.; LOPES, L. T. P. Liderança carismática, estética organizacional e afetos: influências na transformação organizacional e no turismo sustentável. **International Journal of Scientific Management and Tourism**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. e1314, 2025. DOI: 10.55905/ijsmtv11n3-002.

ROCHA PEREIRA, Deborah; FRANCISCO DE ARAGÃO DE ARAÚJO, Tarcísio; FONTES, Claudio Luiz Ariani; SPINOLA, Carolina de Andrade. Experiências de Turismo Regenerativo no Brasil: uma pesquisa exploratória. **RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 90–107, 2024.

MANG, Pamela; REED, Bill. Regenerative development and design. **Sustainable built environments**, p. 115-141, 2020. https://doi.org/10.1007/978-1-0716-0684-1_303

MOYO, Inocent; CELE, Hlengiwe Marvelous Sweetness. Protected areas and environmental conservation in KwaZulu-Natal, South Africa: On HEIs, livelihoods and sustainable development. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 22, n. 7, p. 1536-1551, 2021. <https://doi.org/10.1108/IJSHE-05-2020-0157>

WILLIAMS, Allan M.; RODRIGUEZ SANCHEZ, Isabel; ŠKOKIĆ, Vlatka. Inovação, risco e incerteza: Um estudo com empreendedores do turismo. **Journal of Travel Research**. v. 60, n. 2, p. 293-311, 2021. <https://doi.org/10.1177/0047287519896012>

YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e métodos**. Bookmann editora, 2015.